

humanitas

Vol. XXXV-XXXVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HVMANITAS

VOLS. XXXV-XXXVI



MCMLXXXIII-MCMLXXXIV
C O I M B R A

presente livro. Ainda a propósito dessa nota, convém corrigir o nome do autor da *Eufrosina*, a saber, Jorge *Ferreira* de Vasconcelos (e não Pereira).

Outras questões, nomeadamente exemplos da fala popular, assinalados pelos autores como do uso brasileiro, mas igualmente correntes em Portugal, mereciam um comentário. Fiquemos, entretanto, por aqui.

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

PHILIP J. FORD, George Buchanan, Prince of Poets. With an Edition (Text, Translation & Commentary) of the Miscellaneorum Liber by Philip J. Ford and W. S. Watt. Aberdeen University Press, 1982, 214 pp.

Em 1982, foi celebrado o quarto centenário (1) da morte de George Buchanan (1506-1582) que em Coimbra ensinou no Colégio das Artes, desde a inauguração em 21 de Fevereiro de 1548 desta escola, fundada por D. João III, até ser preso pela Inquisição em 10 de Agosto de 1550.

Este livro, que foi antes uma tese de doutoramento em Cambridge, surgiu em 1982 para comemorar o referido centenário.

O processo de Buchanan na Inquisição mostra que o terrível tribunal o tratou com benevolência. E o autor do presente livro acha que, graças à Inquisição Portuguesa, se conhecem pormenores da existência de Buchanan para os meados da sua vida, que se ignoram a respeito de outras épocas.

A permanência em Portugal também lhe não foi inútil, como reconhece Philip J. Ford, na p. 7: «Os anos em Portugal foram férteis para Buchanan, no que concerne à poesia. É principalmente a esse período que devemos as paráfrases dos Salmos e, num contraste nítido, os cerca de vinte poemas eróticos compostos acerca de Leonora e sua mãe Peiris. Muitos deste segundo grupo de composições foram escritos em metro iâmbico que também serviu para um certo número de sátiras insultuosas contra Beliago, um colega de Buchanan em Coimbra.»

Além deste material satírico que o Dr. Ford menciona, Portugal proporcionou a Buchanan outras oportunidades de cultivar a sua veia maledicente, desde a colonização do Brasil, e a qualidade da gente que para lá era mandada, até os próprios títulos do rei D. João III. Refiro-me ao poema «In Polyonymum», em hendecassílabos falécios, incluído no *Miscellaneorum Liber*, que é devidamente impresso com

(1) Em Portugal, passou despercebido, a não ser por um artigo que publiquei em «Das Artes * Das Letras», página cultural de *O Primeiro de Janeiro*, Porto, 29.ix.1982, com o título de «Buchanan e Portugal». Voltei a referir-me ao centenário em *Humanitas* XXXIII-XXXIV (1981-82), p. 272.

comentário e tradução. Vem na segunda parte do livro para a qual o Autor teve a colaboração do Professor Emeritus da Universidade de Aberdeen, W. S. Watt.

A atitude do Dr. Ford é equilibrada. No caso de Leonora, nome facilmente identificável com o português Leonor, corrente ao tempo em Portugal, o Autor reconhece que prostitutas se encontravam em todos os centros universitários europeus do século XVI, para proveito próprio e serviço dos estudantes. Acrescentarei que os professores não estavam excluídos, pois o relacionamento de Buchanan com Leonor é muito pessoal.

Todavia, segundo já tive ocasião de observar noutra oportunidade (2), apesar da referência a Coimbra num ou outro poema, e não obstante a evasão do marido de Leonor que parte para a Índia, a fim de fugir à mulher e à sogra, estas não são necessariamente personagens reais, antes parecem pretexto literário para poemas eróticos à maneira de Catulo, de Horácio e até de Marcial. São-no pelo menos tanto quanto figuras reais. Acresce que, só com bastante imaginação se pode fazer de Peiris, nome da mãe, um antropónimo português.

Quanto a Beliago, os seus colegas Diogo de Teive e João da Costa, ao defenderem-se na Inquisição, não o pouparam, por estarem ambos convencidos de que ele era um dos denunciadores. Como é sabido, nos processos da Inquisição os presos nunca eram informados da identidade dos seus acusadores. Ora a verdade é que Beliago se absteve de incriminar os dois colegas e até os desculpou.

Isto, aliás, está de acordo com o que dele disse Pedro Sanches na carta em verso a Inácio de Moraes em que refere sessenta poetas novilatinos do seu tempo, um deles Belchior Beliago. Infelizmente, não podemos fazer um juízo seguro da poesia do humanista, pelo pouco que chegou até nós.

Escreveu Pedro Sanches:

Quis, Beliage, tuum non defleat, optime praesul,
Interitum, cui praeduras iniecit acerba
Parca manus: ah quanta bonis iactura Camoenis! (3)

Belchior Beliago (4) era, à data da sua morte em 1579, um bispo «in partibus».

O epigrama «In Polyonymum», a composição de Buchanan mais conhecida em Portugal (5), parece-me não ter sido completamente entendida por Ford e Watt.

(2) «Alguns aspectos da vida universitária em Coimbra nos meados do século XVI (1548-1554)», *Humanitas* XXXIII-XXXIV, pp. 22-24.

(3) «Quem, ó Beliago, não chorará a tua morte? Excelente prelado sobre quem a Parca cruel lançou as suas mãos implacáveis! Oh, que perda enorme para as boas Camenas!»

(4) Cf. o meu artigo em *Grande Dicionário da Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*, Lisboa, s.d., I, 681-682.

(5) Desde a primeira edição de *O Renascimento em Portugal: I — Clenardo e a Sociedade Portuguesa (com a tradução das suas principais cartas)*, publicado em Coimbra, em 1917, por Manuel Gonçalves Cerejeira. A «quarta edição, revista» é de Coimbra, 1974, e nela o epigrama vem traduzido na p. 159. O começo da tradução é muito bom: «Tu és o incomparável Lusitano / O Algarvio d'aquém e d'além mar».

E Febo, que nasce e morre nos teus reinos, mal os percorria num longo dia, em seu carro fatigado.

E quanta chama gira no vago Olimpo circundante, brilhava para serviço dos teus navios.

A ti submisso, a si restituído, o Orbe alegrava-se de conhecer os seus limites e a tua justiça.

Este epigrama, não apenas laudatório, mas adulatório, continua por mais uma dúzia de versos, sempre no mesmo tom.

José Maria Rodrigues nas suas *Fontes dos Lusíadas* (7) considerou os versos 5-9 como possível fonte de *Os Lusíadas* I, 8, 1-4:

Vós, poderoso rei, cujo alto Império
O Sol, logo em nascendo, vê primeiro,
Vê-o também no meio do Hemisfério
E quando de ce o deixa derradeiro.

Também a problemática da *Sphaera*, o ambicioso poema que Buchanan não concluiu, talvez tenha que ver com Coimbra, pois Élie Vinet, seu colega no Colégio das Artes, foi amigo do cosmógrafo real e professor de Matemática da Universidade, Pedro Nunes, conhecido exactamente pelos seus trabalhos sobre a *Sphaera*. Em 1560, o embaixador francês em Lisboa, Jean Nicot, fazia chegar secretamente a França um exemplar do *Tratado da Sphaera* de Pedro Nunes (8).

O matemático português fora nomeado para Coimbra em 1544. Vinet, que esteve em Coimbra entre 1547 e 1549, tê-lo-á conhecido então, pois traduziu para latim a «Annotação sobre as derradeiras palavras do capitulo dos climas» que Pedro Nunes acrescentara à sua edição do *Tratado da Sphaera* de Sacrobosco.

Já perto do fim da vida de Buquenano ou Mestre Jorge, como era conhecido em Coimbra, Elias Vinet voltava a escrever-lhe de Bordéus, como aconteceu em 9 de Junho de 1581. Nessa carta a Buchanan recordava-lhe Vinet que os dias da «peregrinatio Lusitanica» eram mais felizes que os actuais e perguntava pelo poema da *Sphaera* que Buchanan vinha escrevendo, há muito, e que o francês estava ansioso por ler (9).

Igualmente a *herba Nicotiana* (pp. 162-3 e 196) que o embaixador, «ab Hesperiiis rediens», levou para França, tem que ver com Portugal onde Nicot representou o seu país, de 1559 a 1561. O tabaco, aliás, já era conhecido em França, desde

(7) 2.^a edição, Lisboa, Academia das Ciências, 1979, p. 337.

(8) Cf. Luís de Matos, *Les Portugais en France au XVI.^e Siècle. Études et Documents*. Acta Vniuersitatis Conimbrigensis, 1952, p. 131 segs.

Na biblioteca de Vinet, existia o *De Crepusculis* de Pedro Nunes e «de nombreuses éditions de la *Sphaera* de Sacrobosco ont été publiées avec les notes de Vinet et celles de Pedro Nunes», segundo Louis Desgraves, *Elie Vinet Humaniste de Bordeaux (1509-1587). Vie, Bibliographie, Correspondance, Bibliothèque*. Genève, Librairie Droz, 1977, p. 158.

(9) Louis Desgraves, *op. cit.*, p. 143.

1556, ano em que um frade, chamado André Thevet, companheiro de Villegagnon no Brasil, o introduziu no seu país (10).

Jean Nicot, que era um homem cultivado, esteve em contacto com o movimento humanístico em Portugal, pois foi ele quem levou para Paris, onde o fez imprimir em 1566, o poema *Sintra* de Luísa Sigeia.

Ainda a respeito do tabaco, recorde-se que em Itália foi conhecido por *erba Santa Croce*, do nome de Prospero Santa Croce (11), legado pontifício que esteve em Lisboa em 1561 e regressou a França nesse mesmo ano.

Depois destas apostilas portuguesas à vida e obra de Buchanan, seja-me permitido concluir, dizendo que a tese do Dr. Ford é um trabalho notável, em que alguns dos capítulos como o segundo, «Neo-Latin Poetry: the theoretical background», e o terceiro, «George Buchanan and Neo-Latin Poetic Theory», têm um interesse que ultrapassa em muito Buchanan e a sua obra poética.

A. C. R.

ALEXANDRINO E. SEVERINO, **Fernando Pessoa na África do Sul. A formação inglesa de Fernando Pessoa**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983, 315 pp.

Quando se publica um artigo, não podem prever-se as consequências dele resultantes, no tempo e no espaço. Assim, a afirmação de que era desconhecida a escolaridade de Fernando Pessoa na África do Sul, afirmação (1) que correspondia a um facto em 1962, despertou em Alexandrino E. Severino o desejo de preencher essa lacuna com um trabalho exaustivo de investigação. Daí resultou uma tese de doutoramento que, depois de impressa no Brasil, em 1969, e esgotada, vê agora a luz em Portugal, tão brasileira como saiu das mãos do Autor, pois nem sequer as quesílias ortográficas impuseram na margem europeia da língua portuguesa qualquer alteração à forma inicial. Não sei se no Brasil a inversa seria aceite.

Em resultado da minuciosa pesquisa feita, aquilo que era um vago indício tornou-se uma corrente caudalosa de documentação e de provas sobre a importância da cultura obtida por Fernando Pessoa na *Durban High School*. Formação literária de cunho clássico, adquirida sobretudo em inglês e em latim, sob a direcção do latinista apaixonado (e exímio conhecedor da poesia inglesa) que era o director da escola, W. H. Nicholas.

(10) Luís de Matos, *op. cit.*, p. 87.

(11) A. Costa Ramalho, *Estudos sobre a Época do Renascimento*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 1969, p. 342.

(1) A. Costa Ramalho, «O Globo Mundo em sua mão», *Colóquio* 17, Lisboa, 1962.